

Dois talentos de Minas são destaque em Sampa

Arte de Joaquim Goulart e Paulo Azevedo marca presença na cena paulista

MIGUEL ANUNCIÇÃO
CRÍTICO DE ESPETÁCULOS

Do mesmo modo que Minas cedeu expressivos profissionais de imprensa para o Rio de Janeiro e São Paulo desde os anos 1970, o teatro mineiro também tem se torna-

do notável celeiro para a cena teatral paulistana.

Ao longo dos anos, mudaram-se para lá os diretores Gabriel Villela e Yara de Novaes, as atrizes Cácia Goulart, Letícia Coura, Adriana Capparelli e Eloísa Elena; o cenógrafo André Cortez, o figurinista Leo

Diniz, o músico Daniel Maia e o produtor Gabriel Paiva. Todos lograram lugar de destaque em Sampa, que décadas antes já foi conhecida como "terra da garoa".

Joaquim Goulart desembarcou na capital paulista há 27 anos. Nascido em BH,

além de ator, diretor e produtor, reabriu o Teatro Augusta, com respeitada programação. Radicado por lá há dois anos, Paulo Azevedo também começa a se fazer notar: atuando (e dirigindo) no teatro, no cinema, na publicidade, dando aulas etc.

Goulart reforça papel de agitador cultural



O ator, diretor e produtor Joaquim Goulart: nascido em BH, desembarcou em São Paulo há 27 anos, onde reabriu o Teatro Augusta

É impressionante ver a emoção que acomete Joaquim Goulart toda vez que se refere a Cácia Goulart: "É uma pessoa muito simples, mas uma atriz de intensidade sem igual. E vai crescendo ao longo do espetáculo, o que é muito difícil a quem contrai com ela acompanhar", derrama-se Goulart. Frisando que não exagera só porque a elogiada é sua irmã.

"Já vi muita gente boa em cena, como a Juliana Carneiro da Cunha, e estou seguro que a Cácia é uma das melhores atrizes que existem no teatro brasileiro atualmente", garante. "Se ela estivesse fora do país, também faria muito sucesso", reafirma.

Decididamente, jamais é por privação de talento ou assunto que Joaquim tanto enaltece as qualidades da irmã - que esteve em BH até anteontem, onde fez quatro sessões de "Bartleby", que o irmão dirigiu. Ele mesmo também é um artista de vasto currículo e inoxidáveis experiências.

Mal se formou no Teatro Universitário, em 1976, embarcou para a Europa para cumprir bolsa de estudos. Viveu três anos por lá, atuando e viajando com a companhia teatral de Antonie Vitrez. Na volta, produziu, dirigiu e atuou (com a atriz Cláudia Campos) em "Cegonha, Avião... Mentira, não!", para falar de reprodução humana a crianças de três a sete anos. Falar, inclusive, de ereção e penetração! Vencedor de 12 prêmios, o musical cumpre carreira há 27 anos. É outro fenômeno do teatro brasileiro.

Como ator, Joaquim Goulart integrou a Cia. de Ópera Seca, entre 1987 e 1992, que a crítica considera o período mais criativo do diretor Gerald Thomas. Ao lado de Bete Coelho e Edi Botelho, mineiros, e de Luiz Damasceno e

Daniela Thomas, ele atuou na "Trilogia Kafka", "Carmem com Filtro", "M.O.R.T.E." e "Matogrosso". Esteve em turnê por Itália, Suíça, Áustria e Nova York, onde fixou-se por dois anos em torno do Teatro La Mamma.

Numa destas viagens, foi convidado a atuar em Viena, sob direção do russo Hryhorij Hladji, discípulo de Anatoli Vassiliev. Lá, foi elogiado pelo ator Klaus Maria Brandauer e cogitado a atuar num filme, a fazer um "Othello", no Canadá. Mas preferiu retornar ao Brasil, decisão da qual hoje tende a se arrepender. "As vezes, somos levados pela ilusão, pela validade", avalia.

Como ator, Goulart integrou a Ópera Seca no período mais criativo do diretor Gerald Thomas

Em compensação, intensificou sua porção agitador cultural (após dois anos de obras e três à frente do Augusta, precisou repassá-lo por falta de apoios) e diretor. Além de "Cegonha", já dirigiu "Bartleby" e "Funambulo", poema inédito de Jean Genet, ao qual foi apresentado em Paris. Dirigiu "Navalha na Carne" e "Quando as Máquinas Param", dois clássicos de Plínio, ambos com Cácia. Retorna a Plínio em 2011, com "Abajur Lilás", de novo com a irmã no elenco. E, em março, estreia "Menina Nina: Duas Razões Para não Chorar", de Ziraldo, espetáculo infantil que aborda o nascimento e morte.

Azevedo foca encontros com notáveis



Paulo Azevedo em cena do curta "O Condomínio", de Lasmar

Quem viajar à capital paulista, procure reparar no cara grandão entre os 80 profissionais (bailarinos, músicos, atores) que integram a performance que festeja a inauguração do Sesc-Belenzinho, entre as 10 e 18 horas de hoje. Exatamente amanhã completam-se dois anos que o tal grandão vive longe de Minas, mas feliz com a mudança. Mal terminou um ensaio, ainda sem almoçar, ele se prepara para um teste na TV quando atende à reportagem.

Tem sido assim a vida em Sampa, corrida, suada. Ao contrário da que vida que levava antes: resguardado das demandas por outros trabalhos, que lhe garantam sobrevivência, o ator em Minas poderia concentrar mais energias em torno da criação: "Por isso, além de atuar ele tem um discurso sobre o que faz, e domina um pouco de outras áreas: texto, direção, luz, cenário", avalia Paulo Azevedo, 32, o grandão da cena de hoje. Ator do Espantal durante quatro anos e dois belos traba-

lhos ("Por Elise", "Amores Surdos"), Paulo começou, ainda na terra natal, a explorar seus potenciais com ator, dramaturgo e diretor e a articular encontros com figuras notáveis: Yara de Novaes, Ione de Medeiros, Mônica Ribeiro, Chico Peleico, Adélia Nicoletti, Luis Alberto de Abreu, Dudu de Herrmann, Antônio Araújo, Cristiane Paoli-Quito (diretora da performance no Belenzinho) e Rita Clemente.

Nestes dois anos intensos, turbinados em Sampa, colaborou na criação e contratou com Rita em "Histórias de Chocar", exibido na Mostra Principal do Festival de Curitiba; atuou em "Raptado pelo Raio", espetáculo da Cia Livre, que fez breve passagem por BH; atuou também em cinco curta-metragens, o último deles sob a direção do mineiro Jean Paulo Lasmar; e desde 2009 dirige um projeto com três atrizes, que interpretam esquetes escritos por Cássio Pires, da Cia dos Dramaturgos. Previsão de estreita parceria março do ano que vem.